

C H R I S T I N A D A L C H E R

AUTORA DE VOX



# QUESTÃO DE CLASSE

NESTE MUNDO, PERFEIÇÃO É TUDO

Título original: *Master Class*

Copyright © 2020 por Christina Dalcher  
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Direitos de tradução acordados com Taryn Fagerness Agency e  
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro  
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes  
sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Alves Calado

*preparo de originais:* Beatriz D'Oliveira

*revisão:* Flávia Midori e Juliana Souza

*projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira

*capa:* Renata Vidal

*imagem de capa:* Oleksandr Briagin / iStock

*impressão e acabamento:* Geográfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

D14q

Dalcher, Christina

Questão de classe / Christina Dalcher ; [tradução Alves Calado].

- 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2020.  
304 p. ; 23 cm.

Tradução de : Master class

ISBN 978-65-5565-049-5

1. Ficção americana. I. Calado, Alves. II. Título.

20-66576

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

*Em memória de Carrie Elizabeth Buck (1906-1983)  
e aos filhos negados a ela e a tantas outras.*

“Comparada com a velha Europa, que perdeu uma quantidade infinita de seu melhor sangue por meio da guerra e da emigração, a nação americana surge como um povo jovem, racialmente seletivo.”

ADOLF HITLER – *O segundo livro de Hitler*

“Três gerações de imbecis já são mais que o suficiente.”

– OLIVER WENDELL HOLMES JR., juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos

“Eles me fizeram mal. Fizeram mal a todos nós.”

– CARRIE BUCK

É impossível saber o que você seria capaz de fazer para sair de um casamento de merda e dar às suas filhas uma chance de alcançar o sucesso. Você pagaria? Abandonaria o conforto do seu lar? Mentiria, trapacearia ou roubaria? Eu me fiz essas perguntas; acho que muitas mães se fazem. Mas não fiz uma em especial, principalmente porque não gosto da resposta. Nem um pouco. Meu instinto de sobrevivência é muito aguçado. Sempre foi.

Na noite anterior, depois que as meninas tinham ido para a cama, conversei de novo com Malcolm. Tentei falar de um jeito leve e não deixar a raiva transparecer em minhas palavras.

– Já cansei, Malc. Freddie já cansou.

Ele ergueu os olhos da papelada e ficou me encarando.

– Cansou de quê?

– Dos números. Da pressão. De tudo isso.

– Entendi – disse ele, e voltou-se outra vez para seus relatórios e memorandos.

Pensei ter ouvido um suspiro de alívio quando me levantei para ir dormir.

Faz muito tempo que as coisas não andam bem.

Quase não lembro mais como era antes de começarmos a andar com os números Q, uma impressão digital extra e artificial. Um distintivo de honra para alguns e uma marca de vergonha para outros. Depois de mais de uma década, acho que nos acostumamos com qualquer coisa. Foi assim com os celulares. Lembra quando você não tinha o universo inteiro dentro do bolso? Lembra como era estar com sua melhor amiga e conversar sobre nada, esticando um cacho de cabelo só para vê-lo se enrolar de novo? Você se lembra de tudo isso? No meu caso, sim e não. Aluguéis de filmes na Blockbuster e megalivrarias são recordações remotas, impressões desbotadas da vida antes do streaming e da entrega de produtos no mesmo dia.

É o que acontece com os números Q, apesar de termos usado sequências numéricas de uma forma ou de outra durante toda a vida: o registro da identidade; o número do telefone fixo para ligar para a mamãe; as notas da escola. Em uma loja de roupas, os homens se transformavam em 42 ou 44, de acordo com o tamanho da cintura. As mulheres tornavam-se tamanhos de vestido: 38, 42, 48. Nas lojas mais exclusivas, éramos todas as nossas medidas. Nos consultórios médicos, éramos altura e peso: enquanto um número descia, o outro subia.

Sempre fomos nossos números. Data de nascimento. Notas escolares. Pressão arterial. Índice de massa corporal. Notas de faculdade, mestrado, doutorado. Carteira de identidade, senha do banco e datas de validade. Para os mais radicais, toda a sequência de dezesseis dígitos do cartão de crédito. Nossa idade. Nosso patrimônio líquido. Nosso QI.

Penso nisso enquanto estou no supermercado, em uma das filas de prioridade, com quase cem pacotes, latas e caixas no carrinho, o suficiente para manter minha família durante alguns dias. Ontem, no mesmo lugar, cinco mulheres ficaram me olhando furiosas, três filas adiante. Uma delas era do colégio, eu me lembrava dela. Acho que era líder de torcida no ensino médio. Bonita, magra, não muito inteligente. Como era mesmo o nome dela? Paulette? Paulina? Patty? Patty. Isso. Era a quinta da fila no único caixa de não prioridade aberto, segurando uma caixa de leite desnatado. O único item de Patty, comparado com os meus quase cem. Eu quis deixá-la passar na minha frente, mas o caixa deu de ombros e balançou a cabeça sem esperança.

– O cartão dela não vai funcionar aqui – disse o rapaz. – A senhora sabe.

Ele passou meu cartão no leitor, meu cartão mágico com o número mágico codificado. Nove vírgula alguma coisa. O que importava era o primeiro dígito.

Patty não disse nem uma palavra. Antigamente teria dito. Ela ou uma das outras mulheres teria empurrado o carrinho até aqui e se recusado a sair da fila. Certa vez presenciei uma situação tensa em um posto de gasolina entre um homem baixo de terno e o cara que trabalhava na loja de ferragens na rua principal. Não houve competição. O sujeito de terno olhou uma vez para o Sr. Ex-Jogador de Futebol do Ensino Médio, voltou para o seu Lexus e foi embora. Quando seu cartão não funcionou, o Sr. Ex-Jogador socou o mostrador da bomba de gasolina até ficar sangrando e a polícia aparecer. Não sei qual era o número Q dele, mas com toda certeza era abaixo de nove.

Agora todos estamos acostumados às filas, ao sistema de camadas e aos diferentes acessos a diferentes pessoas.

Acho que, com o tempo, somos capazes de nos acostumar com qualquer coisa.

Existem nove despertadores na minha casa. Um perto da minha cama, ajustado para tocar às cinco, um que desperta uma hora antes da chegada do ônibus escolar de Anne, mais três para marcar os últimos trinta, quinze e sete minutos. Isso também vale para o ônibus de Freddie, que chega um pouquinho mais tarde. Nove *pins*, *pops* e *triiins*, cinco dias por semana. Parece que estou na porcaria de um *game show*.

Tudo isso para que minhas filhas não percam a hora da escola.

Quando eu era pequena, minha mãe gritava do pé da escada. Seu tom de voz ficava na linha tênue entre gentil e firme enquanto me chamava, me instigando a me levantar, me vestir, me preparar. Ainda assim, em alguns dias eu só chegava ao ponto de ônibus a tempo de vê-lo virando a esquina, as luzes da traseira desaparecendo sob a névoa matinal. Todo mundo perdia um ônibus de vez em quando. Não era nada de mais.

Não havia incentivos para garantir que pegássemos o ônibus – o ônibus certo. Não naquela época.

Malcolm já saiu; foi se esconder em um escritório iluminado com alguma assistente lhe levando café e pãozinhos integrais com cream cheese sem gordura. Ele nunca vê as filhas, duas competidoras do programa *Quem não vai chegar à escola a tempo?*, que vai ao ar toda manhã. Uma



pena. Os prêmios não são grande coisa, mas as penalidades infligidas aos perdedores servem como uma tremenda motivação.

– Freddie! – grito da cozinha, parecendo menos a minha mãe e mais uma leoa desesperada com um bando de hienas rodeando seus filhotes.  
– Anne!

O alerta de trinta minutos solta um *pim* enquanto despejo o iogurte de uma garrafa e me equilíbrio em uma perna só para puxar a correia de tornozelo da minha sandália esquerda. A cabeça de Anne aparece junto à quina da parede, balançando rapidamente, em silêncio.

Freddie não está pronta. Nem de longe.

Merda.

No segundo dia de provas do ano letivo, eu estava atrasada, minha filha não apareceu para o café da manhã e só consigo pensar no ônibus amarelo vindo pela rua com o Pegador de Crianças sentado ao volante.

Quando era pequena, eu sonhava com o Pegador de Crianças daquele antigo musical, o que tem um carro voador e Dick Van Dyke imitando um péssimo sotaque britânico. Ele espreitava minha casa, nas sombras antes do alvorecer, o cabelo preto puxado para trás com brilhantina e o nariz de Pinóquio. Esperando.

O Pegador de Crianças não dava medo logo de cara, não com sua carroça tilintando com sinos e luzes nem quando ele dançava com seu casaco colorido ou prometia um monte de coisas boas e doces às crianças. Afinal, crianças não têm medo de sinos, cores e doces, certo? E, de início, não sabíamos que a carroça era na verdade uma cela com barras de ferro ou que o Pegador de Crianças usava uma roupa preta por baixo do casaco ou que levava as presas para uma caverna escura.

Mas, na segunda vez em que assistíamos ao musical, já sabíamos. E na terceira. E em todas as outras vezes depois disso.

Você sabia exatamente o que ele estava esperando.

Aos 40 e poucos anos descobri que o Pegador de Crianças ainda existia.

Ele é velho e seu cabelo parece uma espuma branca através do para-brisa do ônibus, com a inscrição ESCOLAS FEDERAIS em letras pretas na lateral. Em vez do casaco colorido, ele usa um uniforme cinza simples com a logo do Departamento de Educação bordada em duas divisas de ombro, um símbolo da paz em três cores: prata, verde e amarelo. Em volta estão as palavras *Intelligentia*, *Perfectum*, *Sapientiae*. Inteligência, perfeição, sabedoria. Eu entenderia duas das três mesmo sem ter estudado latim.

A pintura amarela do ônibus – chamavam a cor de “amarelo cromo” quando ainda continha chumbo, mas já faz tempo que é “amarelo brilhante de ônibus escolar nacional” – está descascada em volta dos para-lamas e da porta sanfonada. Acho que ninguém dá a mínima para a aparência deles. Não é essencial, considerando o lugar para onde vão ou o que carregam.

Os verdes e prateados estão sempre em boas condições, polidos, sem qualquer amassado, arranhão ou marca. As portas se abrem em silêncio e com suavidade, bem diferentes das portas rangentes do ônibus amarelo que chacoalha pela nossa rua nesta manhã. Os motoristas dos verdes e prateados sorriem enquanto as crianças embarcam, vestidas com uniformes de cores chamadas “carmim Harvard” e “azul Yale”, mesmo os modelos para 5 anos.

Mais uma coisa sobre os ônibus amarelos: não os vemos todos os dias, pegando sua carga na névoa do início da manhã e devolvendo-a depois da escola, na hora da TV e dos lanchinhos, um limbo em que as crianças não são mais custodiadas pelo Estado e estão de novo em casa e acomodadas com suas famílias.

Os ônibus amarelos só aparecem uma vez por mês, sempre na segunda-feira depois do dia das provas. E não retornam à tarde.

Nunca voltam. Pelo menos não com passageiros. Além disso, não entram em bairros como o nosso.

Se eu guardasse as manchetes de jornais dos últimos dez anos, elas contariam a história melhor do que eu seria capaz.

**AS TAXAS DE IMIGRAÇÃO CRESCEM – AS PROJEÇÕES PARA  
2050 SÃO PÉSSIMAS**

**SUPERPOPLAÇÃO ESCOLAR, ESCASSEZ DE PROFESSORES:  
LEGISLADORES NÃO CONSEGUEM SOLUÇÃO**

**INSTITUTO GENICS FAZ PARCERIA COM O DEPARTAMENTO  
DE EDUCAÇÃO PARA OFERECER SOFTWARE Q EXPANDIDO**

**CAMPANHA FAMÍLIA MAIS APTA LANÇA DIRETRIZES**

**CUIDAR DE TODAS AS CRIANÇAS SIGNIFICA NÃO  
CUIDAR BEM DE NENHUMA!**

**DIRETRIZES INICIAIS SERÃO DIVULGADAS  
NOS PRÓXIMOS MESES**

Começou com o medo e terminou com as leis.

Sirvo uma terceira xícara de café e olho o relógio.

– Freddie! Por favor!

Tenho o cuidado de manter a voz baixa e firme, maternal, fazendo o possível para manter Freddie calma.

O ônibus amarelo está parado do outro lado da rua, a duas casas da minha, na frente da garagem dos Campbell, o que é estranho, porque Moira Campbell não tem mais filhos – pelo menos não em casa – e hoje é dia de provas. Mesmo assim, do outro lado da rua e mais adiante é melhor do que na frente da minha casa, quer o ônibus esteja ou não seguindo o cronograma. O pensamento me provoca um tremor, apesar da onda de calor deste fim de verão quente. Quando foi que uma coisa banal como um ônibus escolar amarelo virou uma ameaça tão grande? É como substituir o sorriso de um emoji por presas. Isso é muito errado.

– Freddie! – chamo de novo. – Pelo amor de Deus!

Eis a questão com crianças de 9 anos: por pior que tenha sido a dor do parto, por mais que a amamentação noturna tenha sido caótica e arrepiante, por piores que tenham sido as doenças e os terríveis 2 anos, por mais que agora você temesse o primeiro *Arranjei um namorado, mãe!* por parte de uma criança que parecia ter usado fraldas até ontem, não há nada pior do que uma pré-adolescente. Principalmente quando se trata das rotinas matinais no banheiro. Sei que eu não deveria me irritar, ainda mais com Freddie e o jeito dela.

*Anotação mental: mudar o tom de voz; baixar duas oitavas e um milhã de decibéis.*

– Depressa, querida! Hoje tem prova! – grito, desta vez com a voz mais doce, me perguntando se vou conseguir chegar ao trabalho na hora.

Tento usar a irmã mais velha, transformando-a no policial malvado.

– Anne! Traga sua irmã em dois minutos. Com ou sem prendedores de cabelo combinando.

Isso parece funcionar. Quando não está com o nariz enfiado na tela do iPad, avaliando as notas Q dos garotos da cidade em busca de alguém para ir com ela a um baile de volta às aulas, Anne é a responsável. Sempre pronta, sempre pontual, sempre voltando para casa depois do

dia de provas com um sorrisinho despreocupado no rosto e depois um sorriso ao conferir no aplicativo que ela passou. É Freddie que fica no banheiro, preocupando-se com a franja e lavando as mãos cinco vezes mais do que o necessário. Uma vez eu a encontrei sentada no vaso sanitário com a cabeça entre os joelhos, tremendo, recusando-se a sair.

– Você tem que ir, querida – argumentei. – Todo mundo precisa fazer as provas.

– Por quê?

*Por quê?* Tentei pensar em uma resposta adequada.

– Para eles saberem onde colocar as pessoas. Você sempre se saiu muito bem.

O que eu poderia ter falado era: “Você passou raspando todas as vezes. Vai passar de novo.” Mas não adiantaria nada.

Anne aparece no corredor, ainda grudada no iPad, deslizando telas, clicando e expandindo, recitando números.

– Hum, 9,1. Que burro. Eca, 8,8. Muito burro. Ah, mãe, você deveria ver esse aqui, é daquela escola em Arlington. Caiu para 8,26 e parece que não consegue passar nem em um exame de sangue. Que piada.

– Tirar 8,26 costumava ser igual a um B – lembro a ela.

– Não é mais assim, mãe.

*Ela é igual ao pai*, penso. Para Anne, o mundo gira em torno de Malcolm. Às vezes isso é uma vantagem.

– Cadê a sua irmã? – pergunto, abotoando a capa de chuva.

Anne diz que ela está vindo.

O ônibus prateado de Anne, que vai para a escola de camada mais alta com o resto dos nove vírgula e muitos, já virou a esquina e começa a reduzir a velocidade, exibindo a placa de PARE enquanto se aproxima do ponto. Há vários carros atrás dele, com estudantes segurando reluzentes cartões de identificação nos bancos de trás, esperando para sair. Um SUV Lexus cinza-azul, o primeiro da fila, para junto ao meio-fio e a porta traseira se abre. Eu já tinha visto aquela garota em uma das reuniões de pais e mestres que acontecem todo outono na escola de Anne. Hoje ela tem o cabelo emoldurando o rosto em cachos grossos, despenteados, mas dá para notar o medo em seus olhos quando ela vê o ônibus amarelo mais adiante na rua.

Anne se junta a mim perto da janela, com a mochila pendurada em

um ombro, o passe prateado na mão, esticando o cordão que o pendura ao pescoço. Parece um nó de força.

– Aquela garota está nervosa – comento.

– Não deveria – rebate Anne. – O Q de Sabrina é bom. – Depois, em um sussurro confidencial: – Já a Jules Winston... Ela quase não passou na prova de cálculo avançado da semana passada. – Anne dá uma mordida na maçã e desliza o dedo no iPad.

Eu me afasto da janela molhada de chuva.

– Achei que os resultados fossem confidenciais.

Claro, sei como são os adolescentes. Já passei pelo ensino médio.

Anne dá de ombros.

– E são. Mas a classificação não. Você sabe disso.

É. Eu sei.

– Agora Jules está com o menor Q de todo o primeiro ano, graças à prova de cálculo – diz Anne. – *E* faltou três dias por doença nesse período. *E* não consegui pegar o ônibus na quarta-feira passada. *E* a mãe dela foi demitida, então a renda familiar caiu. Tudo isso junto...

Outra mordida na maçã. Outra passada de dedo no tablet.

– Se ela não marcar um monte de pontos, na semana que vem vai passar para o ônibus verde. Talvez em dezembro esteja naquele. – Anne indica com o queixo o ônibus amarelo parado sob a chuva. – Depois de dois anos em uma escola amarela, Jules vai precisar trabalhar fritando hambúrguer em algum lugar.

– Anne... Pelo amor de Deus.

Ela dá de ombros de novo. Minha filha mais velha dá de ombros como ninguém.

– Alguém tem que trabalhar nisso. Pelo menos até automatizarem aquela merda. Parece que estão pegando gente hoje. Na nossa rua. Esquisito.

Seu tom é frio, jornalístico. Muito parecido com o de Malcolm quando entrega seu relatório diário sobre quantas escolas federais serão inauguradas no mês seguinte ou sobre o Q médio por estado, cidade e distrito escolar. Ele faz isso toda noite, durante o jantar, como se todas nós estivessemos interessadas em ouvir. Geralmente Anne se senta perto dele, sem desviar o olhar do pai, fascinada pelos números.

Freddie já é outra história.

## CONHEÇA OS TÍTULOS DA AUTORA

Vox  
Questão de classe

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

